

“Não existe característica (temática, estrutural, periódica, etc.) capaz de reunir textos de Caê Guima

MANIFESTO CONTRA A MOQUECA

JORNALISTA ANALISA SUPOSTA SEGMENTAÇÃO DE OBRAS LITERÁRIAS, CLASSIFICADAS COMO “LITERATURA CAPIXABA”

Estão lá, num restaurante à beira-mar, beijados pelo céu de Vitória e embriagados pelo vapor que sai da panela de barro: o cínico Sqizo de Darós a coçar as entradas da cabeça; Vasco Fernandes recriado, algo e vítima das flechas de Luiz Guilherme; a inconstante Matilde, uma das várias fêmeas de Grijó; o vampiro de Marvilla (sob a luz, suando em bicas); o ouvitor-mor do jazz José Garibaldi Magalhães, nascido das barbas de Reinaldo Santos Neves; e todos os gatos pardos de Adilson Vilaça, prontos a avançar na presa à deriva. O que está em jogo, ali, rodeado feito pão bíblico, é o único prato capaz de ligar tempo e espaço, a única razão imediata para a categoria “capixaba” colar-se a todos os personagens confeccionados por mãos naturais do Espírito Santo.

Só a moqueca nos une. Literatura capixaba versus azeite de dendê.

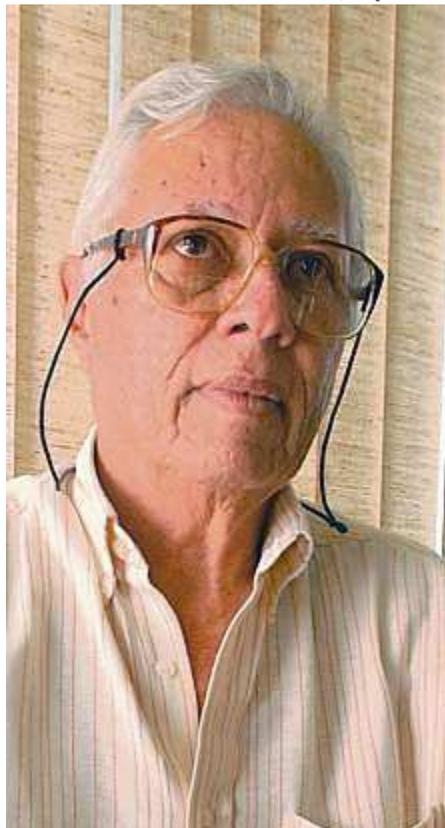
Grijó emprestou sua pena crítica à peleja na penúltima crônica escrita para o **C2**. O tema, diga-se, é recorrente. Existe um grande mal-estar em torno da construção “literatura capixaba”. Experimente: meneie a telelista e disque sem dó para um “autor capixaba” (chame-o

dessa maneira). Em seguida, vaticine sua obra de “capixaba”. Ele vai ranger até os ossos que não têm mais.

Em verdade, não existe nenhuma característica (temática, estrutural, periódica etc.) capaz de reunir textos de Caê Guimarães, Waldo Motta, Flávio Sarlo, Milena Paixão, Bernadette Lyra e mais tantos que aqui nasceram ou fincaram raízes estrangeiras. Não há segmentação possível, dessa maneira, como se pertencessem a um movimento único, de simetria ou profundidade psicológica pré-determinada. Não é como se Hermes voasse em direção ao Espírito Santo para aqui fundar uma linguagem que, à base de grades de ferro, feito uma capitania, acomodasse herdeiros de um capixabismo literário.

Penso em Marcos Rey, cronista da São Paulo suja dos anos 1920, com seus gigolôs, suas putas, seus vagabundos, humanos e paulistas tanto quanto seu narrador; ou em Luiz Ruffato, o homem que percorreu a metrópole num dia do século XXI e tratou de todos aqueles personagens e atmosferas típicas da loucura do concreto em “Eles Eram Muitos Cavalos”. Apesar do agravante – radicados na cidade de que falam –, não escrevem “literatura paulista”.

BRUNO MIRANDA/ARQUIVO AG



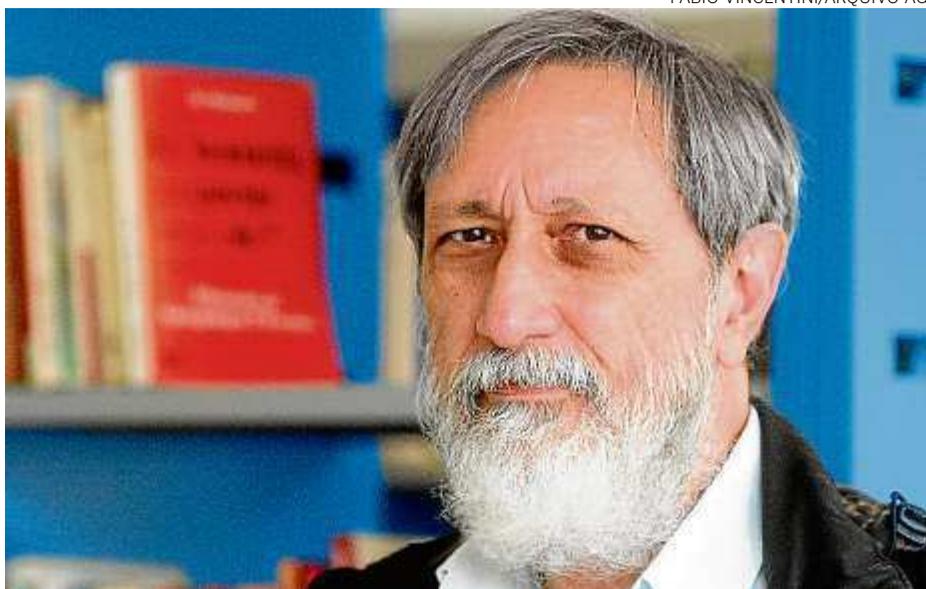
Luiz Guilherme reconstrói Vasco Fernandes Coutinho em romance

O trovador Elmo Elton, talvez, se enquadre na classificação por ter dedicado grande parte de sua faustosa obra a poemas e histórias sobre Vitória. Ele foi, inclusive, homenageado da recente Feira Literária Capixaba. Lembro que Francisco Aurélio Ribeiro, organizador do evento, disse que era fundamental prestar tributo a Elmo Elton porque “Vitória nunca teve um poeta que a homenageasse tanto”. Assim, o trovador se traduz numa espécie de tótem da produção regional, e talvez por isso se justifique sua segmentação, como são o folclore e outras manifestações populares, localizadas.

Mas pense nas majestosas dimensões medievais criadas por Reinaldo, ou em seus países imaginários e paratextos fictícios de clara inspiração borgeana, que perpassam, todos eles, a mesma lógica de criação que pretende ampliar fronteiras de gênese. Ou, como disse Joca Reiners Terron em certa resenha, deve Reinaldo permanecer “exilado em sua genialidade” – e acrescento –, em Vitória? É possível enquadrar tantos limites diversos no mesmo território?

Policarpo Quaresma teria algo a dizer, se vivo estivesse (ou será que escapou, pelas brechas das páginas de Lima Barreto, do inapelável fu- ➤

“rães, Waldo Motta, Flávio Sarlo, Milena Paixão, Bernadette Lyra e mais tantos que aqui nasceram”



FÁBIO VINCENTINI/ARQUIVO AG



DIVULGAÇÃO

Reinaldo Santos Neves e Miguel Marvilla (1959-2009): em comum, apenas o ofício de escritor; suas obras diferem quanto a estilo, temática e outros aspectos

FÁBIO MACHADO/ARQUIVO AG

AMANDA BROMMONSCHENKEL



Literatura produzida no Espírito Santo (e não “capixaba”) tem como representantes, também, Alessandro Darós (“Sqizo”) e Francisco Grijó (“Todas Elas, Agora”)

> zilamento?). O pré-modernista antecipou a antropofagia de Oswald de Andrade ao adorar a literatura brasileira acima de todas as outras. Aliás, era só o que lia: livros produzidos dentro dos muros imaginários da pátria. Chega a propor o tupi-guarani como língua oficial. Se fosse capixaba, é certo que encabeçaria a emancipação literária azul-cor-de-rosa. O triste fim é conhecido por nós, de antemão.

Necessito recorrer a duas reminiscências. Integrei um grupo de discussão e produção de literatura, o Cronópio, orientado pelo professor Erly Vieira Jr. Lá, criamos a revista Graciano para versar sobre a literatura feita no Estado. Durante três anos, não me lembro de usarmos “literatura capixaba” nenhuma vez. A saída era simples: literatura produzida no Espírito Santo. O recurso, se me lembro bem, foi recebido com simpatia pelos autores que por nossa mesa passaram.

Saulo Ribeiro esteve por lá – e aí faço a segunda parada nas bordas da memória. Mas a conversa que retomo é de outrora, quando discutíamos os entraves do mercado de livros para uma

materia no Gazeta Online. Saulo tem dois problemas aparentes: além de autor capixaba, é editor da Cousa, uma editora capixaba que edita livros capixabas. Lembro que ele disse algo sobre a recepção, ou seja, o papel do leitor na literatura. Usou uma comparação hiperbólica que penso fazer sentido para nós, aqui: ao ler os “Dublinenses”, você não lê literatura irlandesa; embora as palavras sejam de Joyce, a recepção é sua – que, por sua vez, é brasileira. De modo que, aos olhos de um alemão, ele não lê literatura “capixaba”, mas alemã.

Repito: estamos usando uma hipérbole. Mas, forçado o limite, é disso que se trata a recepção. Estética, discurso e forma são recebidos por uma pessoa que não é o autor e, mais do que isso, um indivíduo que não trouxe necessariamente de sua naturalidade seu arcabouço literário. A literatura é uma só, os olhos que a lêem é que são diferentes.

Estigma

A iminência do revide: por ser um Estado periférico na literatura, isto é,

fora do óbvio eixo Rio-São Paulo, o Espírito Santo precisa se reafirmar como cultura atuante. Quer dizer, necessita do quase sufixo “capixaba” em seu ofício. Pode ser. Talvez pela imensa necessidade de incentivos estatais (que não são tantos assim) o carimbo regional tenha sedimentado no imaginário produtivo. Mas desconfio. A esmola (terminológica, não financeira) tende a virar estigma, como observamos há tempos.

Isso porque o público geral (não estou falando de nosso pares, os acadêmicos, os amigos escritores etc.) tende a preterir o escritor capixaba, como o músico capixaba, como o cineasta capixaba... As razões me fogem. Sei que, feito os alemães Mikau e Lentz, que para cá vieram no “Canaã” de Graça Aranha, preferem explorar terras estrangeiras. Preferem o azeite de dendê.

Em última instância, leitores deixam de ler a obra **porque** é capixaba. É como se estivessem favorecendo uma cota, dando um trocado. Em suma: a favor do autor, (por isso) contra um termo totalizante.

Sabe-se que o estigma de que falo

está estampado nos jornais. Aqui – e em todo lugar de discurso, escrito ou não –, no entanto, o emprego da naturalidade parece justificado. A denominação é funcional para a imprensa – um meio de divulgação ainda imprescindível, sobretudo para um mercado de livros tão incipiente como é o do Estado. Assim, conhece-se o artista, de onde vem, suas conexões etc.

Há o exemplo óbvio do **C2**. A linha editorial cobre do macro ao micro, isto é, de assuntos internacionais a regionais. Então, em busca de mais precisão, diz quem é o “escritor carioca”, ou o “músico capixaba”, ou o “ator espanhol”. De modo que a inclinação é de cunho jornalístico, e não depreende um bairrismo subvertido.

Em todo caso, cabe a discussão, se é que há algo para conjecturar nesse sentido.

Parece que Yan Siqueira escreveu sobre a celeuma no seu recém-lançado “Yanni”. Não tive acesso ao conteúdo do texto, mas sei que Yan, no primeiro degrau da carreira, dispensa a classificação de sua obra como “literatura capixaba”. Ou, pelo menos, assim imagino.